

O PAPEL DA IGREJA EVANGÉLICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Gilmar Tavares Reis¹

RESUMO

Este estudo destaca o papel da Igreja Evangélica na promoção da saúde mental, enfatizando como a espiritualidade pode complementar práticas convencionais de cuidado. Abordando a função terapêutica da Igreja, o histórico das comunidades terapêuticas e os desafios éticos do cuidado, a pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, revela que a Igreja contribui para a resiliência e o bem-estar de seus membros. Contudo, ressalta-se a importância de respeitar a autonomia individual e evitar práticas coercitivas. Conclui-se que a integração ética entre espiritualidade e cuidado psicológico é essencial para o atendimento nos termos de um cuidado integral e eficaz.

Palavras-chave: Saúde Mental, Espiritualidade, Igreja Evangélica, Comunidades Terapêuticas, Cuidado Integral.

ABSTRACT

This study highlights the role of the Evangelical Church in promoting mental health, emphasizing how spirituality can complement conventional care practices. Addressing the therapeutic function of the Church, the history of therapeutic communities, and the ethical challenges of care, the research, based on a literature review, reveals that the Church contributes to the resilience and well-being of its members. However, the importance of respecting individual autonomy and avoiding coercive practices is emphasized. It is concluded that the ethical integration between spirituality and psychological care is essential for care in terms of comprehensive and effective care.

Keywords: Mental Health. Spirituality. Evangelical Church. Therapeutic Communities. Comprehensive Care.

¹ Serve na AD Madureira em Anápolis GO. Mestrando em Ciências da Religião (PUC/GO). Aluno especial no Mestrado de Educação PUC/GO. Bolsista CAPES/FAPEG. Atua como professor na FASSEB/Brasil. Diretor do Instituto Bíblico Madureira em Anápolis (IBMA). Psicopedagogo (ESTÁCIO/GO). Contato: pastorgilmartavares@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação entre saúde mental e espiritualidade é um campo de crescente relevância, especialmente no contexto de comunidades religiosas cristãs. Este estudo explora como a Igreja, particularmente as Igrejas Evangélicas, pode atuar como uma aliada na promoção do bem-estar mental de seus membros, funcionando tanto como um espaço terapêutico quanto como uma fonte de suporte social e espiritual.

A Igreja tem se destacado por seu potencial de oferecer não apenas acolhimento espiritual, mas também uma rede de apoio que complementa os cuidados convencionais em saúde mental, proporcionando um ambiente onde fé e cuidados emocionais se encontram. Com o aumento dos desafios relacionados à saúde mental, a integração entre práticas espirituais e estratégias de suporte psicossocial vem se mostrando uma alternativa relevante para muitos indivíduos.

Ao abordar o histórico das comunidades terapêuticas e os desafios éticos envolvidos, este estudo visa ampliar o entendimento sobre o papel da religião no cuidado integral. Em acréscimo, a pesquisa busca destacar os benefícios e as complexidades de integrar a espiritualidade na promoção da saúde mental, propondo uma perspectiva inclusiva que respeite tanto a autonomia dos indivíduos quanto suas necessidades espirituais.

Dessa forma, a análise contribui para uma compreensão das oportunidades e dos desafios presentes nesse campo.

1. HISTÓRICO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS E O PAPEL DAS IGREJAS

As comunidades terapêuticas psiquiátricas surgiram como alternativas ao modelo psiquiátrico convencional, promovendo um ambiente de acolhimento e liberdade que se distanciava das práticas de confinamento e alienação. Em sua origem, eram iniciativas comprometidas com a promoção da autonomia dos indivíduos, visando não apenas o cuidado, mas também a inclusão e o reconhecimento de direitos.

Essas comunidades representavam uma oposição ao modelo hegemônico, atuando como “[...] dispositivos de mudança e resistência aos modelos

hegemônicos [...]” e oferecendo uma perspectiva de apoio não restritiva (Batista, 2020, p. 16).

Porém, ao longo dos anos, elas foram impactadas por diversas transformações, principalmente no Brasil, onde a inclusão de discursos religiosos e o fortalecimento de valores moralistas modificaram a dinâmica dessas instituições.

Com a introdução de práticas religiosas e uma lógica moral disciplinar, as comunidades terapêuticas começaram a incorporar elementos de assistencialismo e filantropia, pautando-se em normas que enfatizam a disciplina e o controle dos indivíduos. Esse processo trouxe implicações significativas para a autonomia dos usuários, especialmente para aqueles em tratamento contra o uso problemático de substâncias psicoativas (SPAS).

Batista (2020, p. 16) observa que “[...] essas instituições transformam-se em espaços que articulam o assistencialismo, filantropia, cristianismo e proibicionismo a uma lógica moral e de disciplina. Assim, tornando-se instituições de fechamento e controle dos corpos dissidentes”. Essa mudança aponta para uma realidade em que, ao invés de se expandirem como espaços de inclusão, muitas dessas comunidades passaram a reproduzir práticas de confinamento, reforçando um paradigma moralista e proibicionista.

Vale ressaltar ainda, ao longo das últimas décadas, nota-se uma crescente substituição do paradigma psicossocial, que enfatizava o cuidado com base em estratégias de reintegração e apoio social, por uma moral religiosa que, frequentemente, desconsidera as particularidades de cada indivíduo.

Esse redirecionamento levanta questionamentos éticos, uma vez que, em vez de acolher os usuários como sujeitos de direitos, algumas comunidades acabam por marginalizá-los e segregar suas necessidades. Bastos e Alberti (2021, p. 293) afirmam que “[...] o incremento da moral religiosa associada ao paradigma proibicionista em detrimento do paradigma psicossocial” acaba trazendo de volta práticas de exclusão, comparáveis àquelas aplicadas historicamente aos “loucos” nos antigos manicômios.

Essa inversão de paradigmas exige uma revisão crítica das práticas adotadas em instituições que deveriam promover saúde mental e reintegração social. No entanto, apesar das críticas, é possível reconhecer que a integração

de práticas religiosas nessas comunidades pode também ter um efeito positivo, quando conduzida com equilíbrio e respeito.

A espiritualidade e a religiosidade, quando integradas ao tratamento de modo inclusivo e ético, podem oferecer um valioso suporte emocional. Ferreira (2011, p. 749) destaca que, “[...] para o profissional de saúde intervir a fim de promover o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos na busca da sua saúde ou na melhoria da qualidade de suas vidas, é essencial identificar e fortalecer as redes de apoio estabelecidas com a Igreja”. Esse apoio religioso, aliado a uma prática profissional bem orientada, pode colaborar para a promoção de uma experiência terapêutica mais humanizada, que respeite tanto as necessidades psicológicas quanto os valores espirituais dos indivíduos.

A participação da Igreja, portanto, deve ser vista de maneira crítica e equilibrada, garantindo que seu papel contribua para a reintegração e não para a marginalização dos sujeitos em cuidado.

2. DESAFIOS ÉTICOS E O PARADIGMA PSICOSSOCIAL VS. MORAL RELIGIOSA

O envolvimento de instituições religiosas, no contexto de saúde mental, suscita uma série de desafios éticos e dilemas relacionados ao paradigma de cuidado adotado. A tensão entre o paradigma psicossocial, que enfatiza a reintegração e o apoio social, e uma abordagem de moral religiosa, orientada pelo proibicionismo e pela disciplina, é notável no cenário brasileiro. De um lado, a Igreja oferece um espaço de acolhimento espiritual e emocional para pessoas com transtornos mentais; e de outro, a influência religiosa pode, em alguns casos, impor limites ao desenvolvimento pleno de estratégias psicossociais que visam a autonomia e o bem-estar integral do indivíduo.

A abordagem psicossocial, amplamente defendida em políticas de saúde mental, valoriza o acolhimento sem julgamento e a busca pela dignidade dos usuários. Nesse sentido, a religiosidade pode oferecer uma base de suporte emocional importante. Como observam Porto e Reis (2013, p. 391), “[...] a religiosidade tem demonstrado potencial impacto na saúde física e mental, pois assume papel essencial na vida das pessoas, pois as auxilia no enfrentamento das adversidades da vida”.

A Igreja pode, então, atuar como rede de apoio, facilitando uma experiência de cuidado menos isolada para os fiéis. Contudo, a adoção de uma perspectiva religiosa deve ser acompanhada de cautela para que o cuidado não se transforme em disciplina coercitiva, especialmente em contextos de saúde mental.

Ao longo dos anos, observou-se uma crescente substituição do modelo psicossocial por uma moral religiosa dentro de algumas instituições. Esse movimento, como destacam Faria e Seidl (2005, p. 387), “[...] pode gerar tanto impactos positivos quanto negativos, dependendo de como os indivíduos lidam com crenças e práticas religiosas no processo de enfrentamento.” Isso implica que, enquanto muitos encontram alívio no apoio espiritual e no pertencimento a uma comunidade de fé, outros podem sentir-se pressionados a conformar-se a uma moral religiosa que não considera suas necessidades individuais ou suas dificuldades psicológicas de forma adequada.

Nesse contexto, o cuidado ético demanda que a religião respeite as especificidades dos indivíduos, permitindo que o apoio espiritual seja complementar ao tratamento psicológico, e não uma imposição que vise moldar comportamentos. Em complemento, a percepção de que a religiosidade pode ajudar a elevar a qualidade de vida dos indivíduos levanta questionamentos sobre até que ponto as práticas religiosas podem substituir, ou complementar, o suporte psicossocial. Conforme De Gerone Guilherme (2016, p. 143) aponta, “[...] ainda há pouca produção acadêmica que articule a religiosidade/espiritualidade no cuidado em saúde, especialmente nas áreas da Teologia e Ciência da Religião”.

Esse dado ressalta a importância de ampliar os estudos sobre como práticas religiosas e psicossociais podem coexistir de forma a potencializar os efeitos terapêuticos para os indivíduos que buscam apoio em comunidades religiosas.

Portanto, é fundamental que a atuação da Igreja no campo da saúde mental ocorra dentro de um parâmetro ético que assegure o respeito à liberdade e à individualidade do sujeito. Em vez de uma abordagem de controle ou disciplina, a Igreja pode contribuir como um espaço terapêutico que respeita as particularidades de cada pessoa, integrando-se às práticas psicossociais de modo a promover a saúde mental sem comprometer os direitos e a autonomia dos indivíduos.

3. A IGREJA COMO COMUNIDADE TERAPÊUTICA E POIMÊNICA

A Igreja tem se configurado como uma comunidade terapêutica e poimênica, desempenhando um papel de acolhimento e apoio espiritual para aqueles que enfrentam transtornos mentais e emocionais.

Em vez de atuar apenas como um espaço de culto, a Igreja pode se tornar um ambiente seguro para a partilha de dores e desafios, onde a vivência espiritual e o apoio da comunidade fortalecem a saúde mental dos fiéis.

Estudos mostram que a presença e o suporte social oferecidos pela Igreja são fatores que contribuem para o enfrentamento das adversidades, especialmente quando relacionados a transtornos mentais. Como apontado por Reinaldo e Santos (2016, p. 165), “[...] as pessoas com transtornos mentais entrevistadas identificaram que a vivência religiosa/espiritualidade traz um alento para a vida quando associada ao apoio da rede social que se estabelece nas agências religiosas frequentadas por esses indivíduos.”

Ao atuar como uma comunidade terapêutica, a Igreja também promove um modelo de cuidado integral que valoriza não apenas o bem-estar espiritual, mas também o físico e o emocional.

Essa abordagem amplia a compreensão da saúde, vendo-a como uma construção que engloba múltiplos aspectos da vida humana, e não apenas a ausência de doença. Segundo Herz e Heimann (2022, p. 58), a depressão é uma condição prevalente que “[...] acarretando muitas consequências na vida do indivíduo depressivo e daqueles que estão ao seu redor, uma vez que ela os incapacita de agirem e interagirem”. Em situações como essa, a Igreja pode desempenhar um papel preventivo e restaurador ao acolher essas pessoas, evitando que se sintam isoladas ou marginalizadas.

De forma adicional, a Igreja se diferencia por seu potencial de utilizar da fé e práticas religiosas que ressoam com os fiéis, contribuindo para a criação de um ambiente de acolhimento e identificação.

A prática poimênica, que remonta à imagem de Cristo como o Bom Pastor, busca cuidar das “ovelhas” de forma individualizada, prestando atenção a suas necessidades específicas. Henning-Geronasso e Moré (2015, p. 723) observam que, ao lidar com pacientes religiosos, é possível “[...] fazer alusão a trechos bíblicos buscando fundamentar argumentações do profissional com palavras e

simbologias conhecidas e aceitas por quem está sendo atendido”. Esse tipo de intervenção traz conforto emocional e facilita o diálogo entre fé e saúde mental, reforçando a capacidade de a Igreja atuar como uma verdadeira comunidade terapêutica.

Entretanto, é importante notar que essa função terapêutica da Igreja não exclui a necessidade de intervenções profissionais em casos de transtornos mentais severos. A Igreja, ao reconhecer seu papel poimênico, deve também saber quando encaminhar os indivíduos para cuidados especializados.

A interação entre o apoio espiritual e a intervenção clínica oferece um suporte mais completo ao indivíduo, promovendo um espaço onde a fé e a ciência podem coexistir e se complementar.

Portanto, a Igreja como comunidade terapêutica e poimênica deve valorizar tanto o acolhimento espiritual, quanto a promoção de uma rede de apoio social e emocional. Sua função vai além da simples transmissão de doutrinas, abraçando uma responsabilidade de cuidado integral que inclui não apenas a alma, mas também o corpo e a mente de seus membros.

Ao atuar dessa forma, a Igreja se posiciona como um refúgio de paz e apoio para aqueles que enfrentam as complexidades dos transtornos mentais, contribuindo de maneira efetiva para a promoção de uma saúde mental mais equilibrada e harmoniosa.

4. A RELIGIÃO COMO FONTE DE SUPORTE SOCIAL E SIGNIFICADO

A religião ocupa um papel central como fonte de suporte social e de significado na vida de muitas pessoas, especialmente em momentos de adversidade emocional ou mental. Esse papel se reflete na contribuição que as igrejas e outras instituições religiosas oferecem ao bem-estar e à saúde mental de seus fiéis, funcionando como redes de apoio que fortalecem o enfrentamento de dificuldades.

A vivência da fé religiosa não apenas proporciona conforto e orientação espiritual, mas também influencia práticas de vida que contribuem para o bem-estar, como a redução do estresse e a promoção de comportamentos saudáveis. Murakami e Campos (2012, p. 365) destacam que “[...] a religião também influencia positivamente sobre o estado de saúde, porque ensinam e cobram de

seus fiéis, comportamentos de proteção, e de condução à saúde.” Esse papel educativo da religião reforça um senso de proteção e autocuidado entre os praticantes.

Além de promover comportamentos de saúde, a religião oferece um sentido de pertença e conexão com uma comunidade, o que é essencial para a saúde mental. Em um mundo cada vez mais individualista, a igreja continua sendo um espaço de socialização onde os indivíduos podem partilhar suas experiências e encontrar apoio mútuo.

A pesquisa de Dalgarrondo (2006, p. 178) enfatiza a importância de reconhecer a religião em seu contexto social e histórico, observando que, ao tratar a religiosidade de forma “homogênea e universal”, corre-se o risco de perder “[...] o que há de mais original e próprio dessa dimensão da experiência humana: o seu caráter social, histórico, essencialmente simbólico.”

Esse aspecto ressalta que a fé é mais do que uma prática isolada; ela é um fenômeno coletivo que ajuda a moldar a identidade e o propósito dos indivíduos, oferecendo um sentido de continuidade e de pertencimento a algo maior que eles mesmos. A religiosidade também oferece um sentido de propósito e ressignificação das experiências difíceis, transformando o sofrimento em uma possibilidade de crescimento e aprendizado.

Estudos mostram que a espiritualidade pode proporcionar uma nova perspectiva para aqueles que enfrentam condições de saúde desafiadoras, como doenças crônicas, ao oferecer um espaço onde suas dificuldades são acolhidas com empatia e onde encontram forças para lidar com seus problemas.

Monteiro (2020, p. 137) e colaboradores observaram que, “[...] tanto as pesquisas realizadas no âmbito hospitalar, quanto o estudo realizado com pacientes com doença crônica, apontaram resultados bastante positivos em relação aos aspectos religiosos e espirituais.” Essa ressignificação traz não apenas consolo, mas uma forma prática de enfrentar a realidade com mais otimismo e esperança.

Embora haja críticos que considerem a religião um elemento de controle social ou que questionem sua eficácia no apoio à saúde mental, é inegável que a comunidade religiosa oferece um suporte inestimável para muitos.

A experiência de fazer parte de uma comunidade que partilha valores e objetivos similares pode ajudar na redução do isolamento social e no fortalecimento das redes de apoio, essenciais para o bem-estar emocional. Os efeitos da religiosidade na saúde mental vão além do que pode ser medido de forma quantitativa, pois incluem dimensões subjetivas e simbólicas que proporcionam um alicerce moral e emocional aos indivíduos.

Dessa forma, a religião se destaca como uma fonte valiosa de apoio, especialmente em tempos de crise, e seu papel no contexto da saúde mental é relevante para aqueles que buscam uma abordagem integrada entre fé e bem-estar.

Portanto, a função da religião como suporte social e fonte de significado transcende a esfera espiritual e impacta diretamente a saúde e o bem-estar dos seus adeptos. Ao promover valores de autocuidado e comportamentos saudáveis, proporcionar um ambiente de apoio coletivo e permitir a ressignificação de experiências adversas, a religião se firma como uma aliada na construção de uma vida mental e emocional mais estável e resiliente.

5. INTEGRAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

A integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental é um tema que desperta interesse e debates, tanto no meio acadêmico, quanto entre profissionais da saúde e líderes religiosos.

Compreender a espiritualidade como uma dimensão que contribui para a saúde integral dos indivíduos é fundamental para desenvolver práticas de cuidado que respeitem a identidade, crenças e valores pessoais.

A espiritualidade, ao ser integrada no cuidado mental, oferece um apoio emocional que pode complementar as intervenções clínicas, gerando efeitos positivos no tratamento de transtornos mentais, como a redução da ansiedade e do estresse.

Essa perspectiva não implica substituir os métodos científicos, mas sim somar uma abordagem que reconheça o indivíduo em sua totalidade, incluindo sua fé e espiritualidade como parte essencial de seu bem-estar.

É importante ressaltar que a integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental requer sensibilidade e discernimento, especialmente para evitar

imposições ou interpretações inadequadas que poderiam comprometer a ética do tratamento. Como observa Da Nóbrega Alves (2010, p. 2108), “[...] as investigações sobre religião e saúde possuem implicações éticas e práticas que devem ser abordadas pelo público leigo, pelos profissionais de saúde, pela comunidade de pesquisa e pelo clero.” Essa afirmação aponta para a necessidade de diálogos que incluam tanto a ética profissional quanto a compreensão das práticas religiosas, criando um ambiente no qual a espiritualidade possa ser considerada de forma apropriada e cuidadosa.

Estudos indicam que o apoio espiritual pode desempenhar um papel importante no processo de enfrentamento de dificuldades e no fortalecimento das redes de suporte social. A prática espiritual proporciona um sentido de propósito e de pertencimento que são essenciais no tratamento de muitos transtornos mentais.

Na visão de Ribeiro e Minayo (2014, p. 1787), o valor da adesão religiosa e da espiritualidade tem sido comprovado ao longo dos anos, embora “[...] pesquisas tenham encontrado resultados contraditórios em relação à eficácia da adesão religiosa entre jovens envolvidos com a delinquência.”

Essa observação demonstra que, embora os efeitos da espiritualidade possam variar, sua presença é significativa para muitos indivíduos, podendo ser uma ferramenta poderosa no fortalecimento da resiliência e no desenvolvimento de uma visão mais positiva sobre o futuro. Além de contribuir para a superação de desafios emocionais, a espiritualidade também auxilia na construção de vínculos familiares e comunitários.

No contexto familiar, a espiritualidade pode influenciar positivamente na forma como os membros da família se organizam para cuidar daqueles que enfrentam dificuldades mentais.

Carvalho, Nantes e Costa (2020, p. 50268) ressaltam que “[...] a forma como a família compreende o cuidado está diretamente relacionada com a maneira que ela se organiza para colocar em prática estratégias de cuidado, tais quais a organização da medicação e os afazeres domésticos.” Nesse sentido, a espiritualidade reforça a coesão familiar, que, por sua vez, fortalece as bases para um cuidado efetivo e integral.

Apesar dos benefícios potenciais, há desafios para integrar a espiritualidade no contexto clínico de maneira eficaz e ética. Profissionais de

saúde, particularmente os que atuam em saúde mental, precisam estar preparados para lidar com as questões espirituais de seus pacientes sem imporem julgamentos ou influências religiosas.

É essencial que esses profissionais cristãos possuam habilidades para identificar e respeitar a fé de cada indivíduo, utilizando-a como uma aliada no processo terapêutico, para o verdadeiro Caminho. Essa abordagem inclusiva contribui para um cuidado mais humanizado, onde o indivíduo é tratado em sua totalidade e onde sua espiritualidade é vista como uma fonte de força e resiliência.

Portanto, a integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental representa uma abordagem promissora e que deve ser explorada com responsabilidade e discernimento. Ao reconhecer o valor do apoio espiritual, o cuidado em saúde mental torna-se mais abrangente e acolhedor, promovendo um ambiente de cura que respeita o indivíduo em todas as suas dimensões.

Essa integração não apenas complementa o tratamento médico, mas também valoriza o papel da espiritualidade como um componente fundamental para o bem-estar emocional e mental, abrindo caminhos para um atendimento mais humano e respeitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja, enquanto comunidade de fé e espaço terapêutico, desempenha um papel fundamental na promoção da saúde mental e no apoio emocional de seus membros. A evolução das comunidades terapêuticas, aliada à presença ativa das igrejas, revela o potencial transformador de uma abordagem que alia espiritualidade e cuidado integral. As comunidades religiosas têm a oportunidade de superar os modelos convencionais de tratamento, promovendo ambientes de acolhimento e inclusão que respeitam tanto a individualidade dos indivíduos quanto suas necessidades espirituais.

A história das comunidades terapêuticas mostra que elas surgiram como uma alternativa aos modelos psiquiátricos convencionais, com o objetivo de promover a reintegração social e a autonomia dos indivíduos. A introdução de práticas religiosas nesses espaços transformou a maneira como a saúde mental é abordada, oferecendo apoio espiritual e moral que complementa os cuidados convencionais.

No entanto, é fundamental que a prática religiosa nesses contextos seja conduzida com ética e respeito, evitando que valores moralistas comprometam o princípio de liberdade e autonomia dos indivíduos. Com uma abordagem equilibrada, cristã, a Igreja pode contribuir significativamente para que as comunidades terapêuticas promovam não apenas a cura física e mental, mas também o bem-estar espiritual.

Os desafios éticos na integração do paradigma psicossocial com a moral religiosa evidenciam a necessidade de uma atuação sensível e ética. Embora a religião ofereça suporte emocional importante para muitos, é essencial que esse apoio não se transforme em controle ou disciplina coercitiva, o que poderia afastar o indivíduo de sua jornada de autodescoberta e cura.

Ao respeitar as particularidades e as escolhas de cada pessoa, a Igreja pode atuar como um espaço terapêutico inclusivo, onde a espiritualidade complementa o cuidado profissional e psicossocial, promovendo um ambiente que valoriza tanto a liberdade quanto a saúde mental dos indivíduos.

Ao funcionar como uma comunidade terapêutica e poimênica, a Igreja proporciona uma rede de apoio social que fortalece a saúde emocional de seus membros. Esse papel vai além da prática religiosa convencional, criando um espaço seguro onde os fiéis podem compartilhar suas dores e desafios sem receio de julgamento.

A vivência espiritual dentro de uma comunidade acolhedora contribui para a construção de laços que promovem a saúde integral, reforçando a importância de um cuidado que abrange o corpo, a alma e o espírito. Dessa forma, a Igreja torna-se um refúgio para aqueles que enfrentam transtornos mentais, promovendo uma abordagem que entende o ser humano em sua totalidade.

A religião, enquanto fonte de suporte social e significado, desempenha um papel essencial no bem-estar de muitos indivíduos, oferecendo não apenas orientação espiritual, mas também uma rede de suporte que fortalece o enfrentamento de adversidades. A experiência religiosa, ao proporcionar um sentido de pertencimento e propósito, auxilia os indivíduos a ressignificarem suas experiências difíceis, transformando o sofrimento em um momento de crescimento pessoal e espiritual. Essa conexão social e emocional que a religião

promove se traduz em uma maior resiliência e em um enfrentamento mais saudável das adversidades da vida.

A integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental representa um avanço promissor, que abre caminho para uma prática de saúde mais humana e completa. A espiritualidade, quando incorporada com discernimento e ética, enriquece o processo terapêutico, proporcionando um apoio emocional que fortalece a saúde mental dos pacientes.

Essa abordagem não busca substituir os métodos tradicionais de tratamento, mas, sim, somar uma dimensão que compreende o ser humano em toda a sua complexidade, incluindo suas crenças e valores espirituais. Ao adotar essa visão integral, a Igreja Cristã contribui para um ambiente de cura e acolhimento, onde a espiritualidade atua como um fator positivo e resiliente na vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Adriana Dias de Assumpção; ALBERTI, Sonia. **Do paradigma psicossocial à moral religiosa: questões éticas em saúde mental.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 01, p. 285-295, 2021.

BATISTA, Pedro Victor Modesto. **Comunidade terapêutica na política pública de saúde mental: tensões e divergências.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, p. e1679108345-e1679108345, 2020.

CARVALHO, Rafaela Cássia Neves; NANTES, Rosângela Fernandes Pinheiro; COSTA, Márcio Luís. **Estratégia familiar de cuidado em saúde mental.** *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p. 50256-50271, 2020.

DA NÓBREGA ALVES, Rômulo Romeu et al. **Influência da religiosidade na saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 2105-2112, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião.** *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, p. 177-178, 2006.

DE GERONE GUILHERME, Lucas Tetzalff. **A religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais da saúde.** *Interacoes*, v. 11, n. 20, p. 129-151, 2016.

FARIA, Juliana Bernardes de; SEIDL, Eliane Maria Fleury. **Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura.** *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, p. 381-389, 2005.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira et al. **Promoção da saúde no cenário religioso:**

possibilidades para o cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 32, p. 744-750, 2011.

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo.

Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 3, p. 711-725, 2015.

HERZ, Matheus Ohnesorge; HEIMANN, Thomas. **A igreja cristã como comunidade poimênica e terapêutica no cuidado a pessoas acometidas pela depressão.** *Igreja Luterana Revista de Teologia do Seminário Concórdia*, v. 83, n. 2, p. 25-64, 2022.

MONTEIRO, Daiane Daitx et al. **Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão.** *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, v. 40, n. 98, p. 129-139, 2020.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 65, p. 361-367, 2012.

PORTO, Priscilla Nunes; REIS, Helca Franciulli Teixeira. **Religiosidade e saúde mental: um estudo de revisão integrativa.** *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 37, n. 2, p. 375-375, 2013.

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; SANTOS, Raquel Lana Fernandes dos. **Religião e transtornos mentais na perspectiva de profissionais de saúde, pacientes psiquiátricos e seus familiares.** *Saúde em Debate*, v. 40, n. 110, p. 162-171, 2016.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade:** revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 06, p. 1773-1789, 2014.